



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Por um modelo de comunicação hipermidiática¹

Geane Carvalho Alzamora
(PUC-Minas/PUC-SP)

Resumo

Este trabalho discute a legitimidade de se usar modelos de comunicação forjados no âmbito da mass communication research para se pensar a rede. Problematiza-se, a partir das características de linguagem da internet, três modelos hegemônicos: Shannon-Weaver (1949), Jakobson (1960) e Eco-Fabri (1978). A seguir, elabora-se a hipótese de que a semiótica peirceana, entendida como uma teoria da comunicação, pode se traduzir em um possível modelo peirceano de comunicação hipermidiática. Tal modelo é aqui apenas esboçado, pois a intenção deste trabalho não é sistematizá-lo nem diagramá-lo de modo conclusivo, mas sim discutir a validade do raciocínio que o fundamenta.

¹ Trabalho apresentado no NP15 – Núcleo de Pesquisa Semiótica da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Introdução

Vários autores discutem a natureza ímpar da comunicação na internet (ver, por exemplo, Rheingold, 1996, Outing, 1998, Dizard, 1998, Parente, 1999 e Johnson, 2001). É consensual entre eles a idéia de que os recursos de linguagem oferecidos pelos *new media* alteram nossa forma de comunicar e interagir culturalmente. A situação é absolutamente original, conforme Steifk.

“Although thinkers like Vannevar Bush and J.C.R. Licklider anticipated the problem of the information explosion several decades ago, their solutions for dealing with it were never tested – because the large on-line databases needed to do so did not exist in their time. Meanwhile, our experience with such systems has revealed deeper issues in using large collections of information that they never anticipated” (Steifk, 2000, pag. 130).

A informação que se processa na internet não é apenas mais veloz, mas de outra natureza, diferente daquela sistematizada pela cultura de massa. A nova situação demanda, portanto, revisão de modelos e teorias ainda hoje hegemônicos.

“Mídias híbridas e mutantes proliferam sob o efeito da virtualização da informação, do progresso das interfaces (...). Cada dispositivo de comunicação diz respeito a uma análise pormenorizada, que por sua vez remete à necessidade de uma teoria da comunicação renovada, ou ao menos de uma cartografia fina dos modos de comunicação”. (Lévy, 1999, pag. 82)

Segundo Alsina (1989), inovações tecnológicas desencadeiam novas mensagens, novos usos, novos efeitos. *“ya se apuntado como la aparición de las nuevas tecnologías obliga a una redefinición de lo que se entiende por comunicación social”.* (Alsina, 1989, pag. 21). Dizard também vê na internet um “divisor de águas” na *communication research*. *“Por enquanto, é mais prudente usar os termos “mídia antiga” e “mídia nova”, pelo menos até que saibamos mais sobre como elas interagirão e, eventualmente, se fundirão num padrão diferente”.* (Dizard, 1998, pag. 24).

Na mesma linha de raciocínio dos autores mencionados, este trabalho defende a idéia de que a comunicação que se processa na internet é de natureza distinta da comunicação de massa e demanda, portanto, revisão dos modelos hegemônicos à luz de teorias mais complexas. Sugere-se que a semiótica peirceana possa se traduzir em um modelo hipermidiático de comunicação, como se verá a seguir.



As características singulares de uma linguagem emergente

A informação que atualmente se processa na internet ainda apresenta majoritariamente referência nas reflexões teóricas características da comunicação de massa, mas já é possível notar algumas especificidades nesse processo, como sinalizam formas comunicativas irreverentes observadas em alguns weblogs, webzines, sites de serviço independentes e comunidades virtuais que se formam em torno de listas de discussões temáticas, por exemplo.

Em relação às comunidades virtuais, especialmente aquelas que usam programas como o ICQ, nota-se que a internet já permite, a exemplo da comunicação interpessoal, a construção de mensagens em tempo sincrônico, de modo que estas nunca precisam estar totalmente concluídas para serem distribuídas, conforme exigência da comunicação de massa, nem se destinam a gama tão diversificada e ampla de receptores. A mensagem, neste caso, passa a se caracterizar pelo processo e não mais pelo produto. Entende-se por produto a clássica definição de mensagem: “*grupo finito e ordenado de elementos de percepção tirados de um “repertório” e reunidos numa estrutura*”. (Moles, 1987, pag. 24).

Emissor e receptor, cada vez mais agenciados em função de interesses comuns, cambiam freqüentemente seus papéis. Isso coloca em segundo plano a noção de autoria e privilegia a composição de mensagens coletivas, de complexa assinatura, em permanente processo de construção. “*A escritura, confundida com leitura, tenderá a se tornar coletiva e anônima. A separação entre autor e leitor será apenas contingencial.*” (Machado, apud Domingues, 1997, pag. 147)

Desloca-se, portanto, os locais legitimados pela comunicação de massa para busca de informação, pois na internet coexistem informações típicas de ambientes massificados e outras claramente segmentadas. Processadas no mesmo ambiente, essas informações hibridizam modos comunicativos singulares, o que tende a se traduzir em um outro modelo, híbrido, plural, multifacetado. “*A fusão na internet de um sistema tradicional broadcasting (centro irradiador da emissão) com um sistema interpessoal de comunicação (como o telefone) desmantela boa parte das teorias da comunicação (...).*” (Menezes, 2001, pag. 123)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A profusão contemporânea de *quantidade* e *qualidade* diversificada de informação na internet não apenas redefine lugares de busca de informação, como problematiza o papel dos *filtros informativos*, até então predominantemente sob responsabilidade de editores socialmente legitimados pelos meios de comunicação de massa.

“Quando surge a necessidade de informação específica, de uma opinião especializada ou da localização de um recurso, a comunidade virtual funciona como uma enciclopédia viva. As comunidades virtuais podem auxiliar os respectivos membros a lidar com a sobrecarga de informação, independente de serem profissionais ligados à informação. O problema da era da informação, especialmente para estudantes e trabalhadores do saber, é haver demasiada informação disponível e poucos filtros efetivos passíveis de reterem os dados essenciais, úteis e do interesse de cada um”. (Rheingold, 1996, pag. 78)

Steven Johnson (2001) discute a necessidade de construção de “mapas do espaço informação”, o que significa uma outra abordagem da informação na rede, recorrentemente problematizada pelo viés da velocidade. *“O que quero é uma maneira melhor de obter essa informação. Precisamos de mapas rodoviários melhores do espaço informação, não de um melhor serviço de entregas”. (Johnson, 2001, pag.138).*

O autor enfatiza o modo como os recursos de linguagem do meio podem se traduzir em zonas específicas de produção de sentido. Para Johnson o aperfeiçoamento de algumas ferramentas, como os agentes, pode levar a um novo paradigma comunicacional.

(...) um agente que fosse capaz de avaliar nossos gostos em matéria de cinema ou de vinhos, ou até de pessoas, que fosse capaz de construir um modelo nuançado da nossa sensibilidade estética ou interpessoal – essa seria uma mudança de paradigma digna desse nome”(Johnson, 2001, pag. 140)

Os agentes, hoje, tanto assumem formas sofisticadas de avatares como aparecem modestamente em forma de navegadores da web e prosaicos esvaziadores de lixeiras, conforme programação prévia do usuário. Em qualquer dessas situações os agentes demonstram que personificam – ou antecipam - uma outra modalidade de comunicação midiática. *“ The metaphor used is that of a personal assistant who is collaborating with the user in the same work environment. The assistant becomes gradually more effective as it learns the user’s interests, habits, and preferences (...). (Maes in Bradshaw, 1999, pag. 145).*



O aprimoramento do uso de agentes na comunicação pode redefinir não apenas o modo de interagir informativamente na internet, via interfaces, como alterar a concepção de links, cujo uso atual remete mais à desagregação semântica da informação que o inverso. As conexões fortuitas traçadas através dos links dispersa o sentido da informação mais do que o condensa. Esse, por exemplo, é um problema ainda não sistematizado pelas teorias e modelos de comunicação que, de modo geral, desprezam a capacidade semiótica do canal.

Os limites dos modelos hegemônicos

O hibridismo de linguagens característico da internet parece encontrar ressonância no hibridismo teórico marcante na *communication research* que, ao longo de sua história, tomou emprestado conceitos oriundos de diversas disciplinas, como sociologia, psicologia, biologia, física e lingüística para compor as chamadas teorias da comunicação. Segundo Alsina (1989), pela pluridisciplinaridade, a Teoria da Comunicação, ou teorias da comunicação, como preferem Mattelart (1999) e Wolf (1987), compartilha com outras disciplinas seu *objeto* e, pela interdisciplinaridade, o que aparece em comum são os *métodos*. Os modelos teóricos sistematizam métodos e objetos, de modo a estabelecerem variáveis e relações que dêem conta dos conjuntos de fenômenos complexos sobre os quais se projetam.

“En cualquier caso se podría convenir que los modelos son construcciones racionales, constructos, que para ser eficaces no sólo deben ser construidos para representar isomórficamente ciertos factores abstractos de un conjunto de fenómenos empiricos, sino que además deben corresponder a una teoria validada de este conjunto de fenómenos.”
(Alsina, 1989, pag. 18)

Longe de pretender traçar uma panorâmica dos modelos de comunicação, este trabalho opta por apresentar, em aspectos bastante gerais, três modelos referenciais, procurando situar em que medida eles se mostram historicamente relevantes e em que medida parecem insuficientes para relacionar variáveis, métodos e objetos relativos aos fenômenos comunicacionais que se processam atualmente na internet.

De acordo com Miège (2000, pag. 97), há três correntes iniciais fundadoras da *mass communication research*: “o modelo cibernético, a abordagem empírico-funcionalista dos meios de comunicação de massa e o método estrutural em suas aplicações lingüísticas”.



As três correntes entrelaçam-se muitas vezes, gerando modelos específicos. Optou-se por discutir aqui o modelo cibernético de Shannon-Weaver (1949); o modelo de Jakobson (1960), derivado, segundo Alsina (1989), do funcionalismo lingüístico; e o modelo semiótico-textual de Eco-Fabri (1978), situado, conforme Alsina (1989), na corrente da sociosemiótica.

Tais modelos foram selecionados para efeito de análise por serem amplamente referenciados (ver, por exemplo, Wolf, 1987, Alsina 1989 e Mcquail, 1997) e por apresentarem formulações teóricas compatíveis com o diálogo que se pretende estabelecer mais à frente com a semiótica peirceana.

⇒ **O modelo de Shannon-Weaver**

Este modelo, que serve de fundamento teórico para diversos outros, deriva da cibernética e se traduz na Teoria Matemática da Comunicação ou Teoria da Informação, ainda hoje referencial para a *communication research*. Nele o processo de comunicação é abordado a partir da idéia de *transmissão* de informação de uma fonte a um receptor, mediante o uso de um canal e conforme incidência de ruídos no processo.

De fundamento físico-matemático, o modelo utiliza recursos conceituais como probabilidade e entropia, relacionados a redundância e novidade, para mensurar a *quantidade* de informação transmitida no sistema. O modelo é amplamente aplicável, podendo se verificar na comunicação de massa, interpessoal ou mesmo na comunicação processada entre máquinas.

Mas, mesmo no âmbito da comunicação de massa, o modelo foi questionado por não considerar aspectos relacionados ao significado da mensagem e aos modos prováveis de produção de sentido desta, atendo-se predominantemente ao domínio quantitativo da informação. *Este realce do valor quantitativo de uma mensagem é inteiramente contestável; sempre se imporá, para o analista da informação social (...) o problema do significado da mensagem (Coelho Netto, 1973, pag. 20).*

Mais recentemente, Armand Mattelart retoma crítica similar. “*Com a teoria matemática da comunicação fica completamente esquecida a questão do sentido e, além*



disso, da cultura, pois aí não há qualquer interrogação sobre cultura”. (Mattelart, 2000, pag. 08).

No que se refere à informação processada na internet, o problema do significado “esquecido” cresce exponencialmente, uma vez que o contexto de emissão, recepção e mensagem é outro. Nesse contexto, interessa menos saber a *quantidade* de informação processada que a *qualidade* desta para o receptor-usuário, que eventualmente se torna também co-autor da mensagem.

A idéia de comunicação como *transmissão de informação* é questionável, mas especialmente contestável no âmbito da internet. Ao se considerar os desdobramentos prováveis dos recursos atuais de linguagem do meio e usos mais adequados dos já existentes, a idéia de transmissão tende a ser substituída por algo como interatividade homem-máquina-homem, na qual as informações, em vez de serem meramente transmitidas, passam a ser construídas coletivamente, em um processo no qual todas as variáveis, inclusive o canal, tendem a ser ativas. “*O ato de comunicar não se traduz por uma transferência de informação do emissor a um destinatário, mas antes pela modelagem mútua de um mundo comum no meio de uma ação conjugada*”. (Varela, citado por Quere, 1991, pag. 02).

⇒ **O modelo de Jakobson**

Fundamentado duplamente na Teoria Matemática da Comunicação e na Lingüística, o modelo de Jakobson pressupõe relações de linguagem delineadas a partir das variáveis emissor, mensagem, código, contexto, canal e destinatário, que se traduzem, respectivamente, nas funções de linguagem emotiva ou expressiva, poética, metalingüística, referencial, fática e conativa (sobre o assunto ver Alsina, 1989).

Ressalta-se que, para este modelo, um mesmo ato de linguagem pode reunir várias funções. “*A diversidade reside não no monopólio dessas diversas funções, mas numa diferente ordem hierárquica de funções*”. (Jakobson, 1973, pag. 123). Altera-se, pela diversidade funcional, a noção de comunicação como transmissão quantificada de informação (Shannon-Weaver).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“La importancia del modelo de Jakobson está, apesar de la influencia de la teoría matemática de la comunicación, em que el mensaje ya no se considera como una mera transmisión de información. Se descubre la riqueza comunicativa del mensaje”. (Crisell, citado por Alsina, 1989)

Embora não se traduza em uma metodologia clara de análise do discurso, o modelo tem sido utilizado de modo eficiente nesse campo. *“A legitimação e difusão proporcionadas pela lingüística jakobsiana à versão “moderada” da teoria informacional, constituíram indubitavelmente um dos motivos de seu “êxito” como teoria comunicativa adequada e bastante indiscutida”. (Wolf, 1987, pag. 105).*

Mas, uma vez que o modelo circunscreve somente a linguagem verbal, parece metodologicamente arriscado utilizá-lo para se compreender outras modalidades de linguagem. *“Novos paradigmas da semiótica geral, que não consideram mais os signos audiovisuais das mídias como meras deduções dos signos lingüísticos, levaram a novas abordagens pluralistas da semiótica das mídias”. (Nöth, 1996, pag. 53).* Em caso de linguagens extremamente híbridas, cujo exemplo mais sofisticado é a internet, a necessidade de modelos pautados por abordagens semióticas mais pluralistas parece evidente.

⇒ **O modelo de Eco-Fabri**

O modelo semiótico-textual de Eco-Fabri, apresentado em 1978, pode ser entendido como uma revisão do modelo semiótico-informacional, também de Eco-Fabri, formulado anteriormente (sobre o assunto ver McQuail, 1975, Wolf, 1987 e Alsina, 1989). Faz-se necessário, portanto, remeter ao primeiro para entender o segundo.

O modelo semiótico-informacional supera a idéia de *comunicação por transferência* (Shannon/Weaver), substituindo-a por *transformação* de um *sistema* a outro – e não meramente de uma fonte a um destinatário, conforme Jakobson - mediante a concepção de *código*. *“Por conseguinte, em relação à teoria da informação, a noção de código, entendida neste modelo como correlação entre elemento de sistemas diversos, muda profundamente.” (Wolf, 1987, pag. 108).*



O problema do “significado esquecido” é trabalhado por este modelo. Nele, mensagem é entendida como forma significante que pode ser preenchida por vários significados, desde que os códigos usados dêem conta de estabelecer correlações específicas entre significantes e significados. Nesse processo, emissores e destinatários eventualmente fazem uso de subcódigos independentes, que incidem sobre os processos de codificação e decodificação acrescentando novas informações às mensagens.

Para Wolf, a influência do modelo sobre a *communication research* foi inferior a seu relevo teórico, embora, na opinião do autor, o modelo não seja perfeito. “*Faltou, no entanto, a ligação com a questão dos efeitos (...). O modelo semiótico-informacional achou-se, assim, confinado ao âmbito da análise das mensagens, dos seus códigos, da estrutura comunicativa*”. (Wolf, 1987, pag. 110)

O modelo semiótico-textual representa um avanço em relação ao precedente na medida em que substitui a noção de mensagem por *conjuntos textuais* e código por *conjuntos de práticas textuais depositadas culturalmente*, o que complexifica a diversidade de sentidos processados.

Desloca-se, neste modelo, a ênfase que o modelo anterior colocava no processo de codificação e decodificação, indiferenciado em qualquer processo comunicativo, para o campo específico da comunicação de massa. Avanço similar pode ser assinalado em relação ao modelo de Jakobson, no qual as funções de linguagem servem, indistintamente, para comunicação interpessoal e massificada.

No âmbito da internet, porém, o modelo apresenta lacunas. Ao destinatário, na internet, não cabe apenas a interpretação, por mais multifacetado que esse processo possa ser. Na internet, as funções de emissor e destinatário tornam-se, muitas vezes, indiferenciadas. Se considerarmos que os conjuntos de práticas textuais na internet estão em processo de construção cultural e que os conjuntos textuais tornam-se processos híbridos de linguagens, então observar-se-á uma total subversão do modelo semiótico-textual.

Possíveis contribuições da semiótica peirceana



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A semiótica peirceana tem sido recorrentemente acionada para investigar processos comunicativos, embora não tenha sido satisfatoriamente explorada para sistematizar modelos específicos de comunicação. Provavelmente, a natureza complexa e processual da teoria encontre ressonância nas características singulares da comunicação hipermediática.

“The most widely accepted classification today, however, is not binary but one based on a trinary principle, established by Peirce. Peirce’s classification is complex and has many far-reaching ramifications, but is rooted in a three-way distinction between icon and index, with both opposed to symbol, all of which are really different facets of one generic sign.” (Sebeok, 1991, pag. 24)

Além das gradações sógnicas ícone, índice e símbolo, relativas às relações do signo com o objeto, apontadas por Sebeok, há ainda, em Peirce, relações triádicas que se traduzem em 10 classes sógnicas, organizadas logicamente a partir de relações complexas entre signo/signo, signo/objeto e signo/interpretante (sobre o assunto ver Merrel, 1995).

Uma diferença marcante entre Peirce e outros teóricos da semiótica refere-se à própria noção de signo. Para Peirce, signo é uma tríade semiótica em aberto, processual, contínua, abrangente, sendo a dimensão cultural apenas uma faceta desse processo amplo e infinito, também chamado *semiose*. Nota-se, nesse aspecto, uma diferença relevante entre modelos derivados do projeto semiológico de Saussure, centrados na idéia dicotômica de signo, ou símbolo, e um possível modelo derivado da semiótica peirceana.

“For Eco, following Saussure and Morris, nothing is intrinsically a sign (Morris 1975, 45). Signs are made by us by means of the application or creation of a code. This would, for Peirce, be a form of nominalism, since it results in stripping reality of its intrinsic connections and in attributing these connections exclusively to the human mind. According to Peirce, signs are part of the very fabric of reality. They are, in some sense (admittedly in an extremely vague sense), there in reality, independent of our conventions and our consciousness. This marks a very deep division between Peirce and Eco.” (Colapietro, 1989, pag. 33)

Os estudos dos signos são apenas uma parte da teoria peirceana, que se estende por domínios bem mais abrangentes que a comunicação humana. Mas, sob alguns aspectos, a teoria peirceana pode ser entendida como uma teoria da comunicação.

“That’s Peirce’s semiotics is a theory of communication is implicit, in the first place, in the fact that there can be no communication without signs. In the second place, it is implicit in the fact that semiosis is above all a process of interpretation. How could there be communication if there was no production of signs to be interpreted? (Santaella, 2000, pag. 07)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Santaella (2000) propõe que a semiótica peirceana seja entendida também como teoria da comunicação a partir da tríade semiótica objeto, signo e interpretante, relacionada respectivamente às noções de emissor, mensagem e receptor. Segundo ela, essa correspondência se desdobra em uma teoria triádica da objetivação (signo/objetos), significação (signo/signo) e interpretação (signo/interpretantes).

Conforme Alsina (1989), os três termos – emissor, mensagem e receptor - são denominadores comuns nos diversos modelos de comunicação. Donde se conclui que a semiótica peirceana, como uma teoria da comunicação que articula semiosicamente os lugares lógicos de emissor, mensagem e receptor, pode se traduzir em um modelo específico de comunicação.

“Se puede afirmar que todo modelo tiene como armazón principal una serie de conceptos básicos. Estos conceptos son los que van a determinar, en gran parte, la estructura del modelo. Por ejemplo, por lo que se refiere a la Teoría de la Comunicación, los conceptos básicos que tienen como mínimo en común todos los modelos son: emisor, mensaje, receptor. Como ya apuntaba Aristóteles en su Retórica, los tres componentes de la comunicación son: el orador, el discurso y el auditorio.”(Alsina, 1989, pag. 19)

Mas como a noção de signo em peirce remete à idéia de mediação e, portanto, semiose, observar-se-á que em um possível modelo peirceano de comunicação, emissor, mensagem e receptor não são termos excludentes, mas relacionados de modo bastante complexo, em alguns momentos quase simultâneos. Poderíamos, no máximo, dizer que na tríade semiótica, emissor, mensagem e receptor ocupam os lugares lógicos de objeto, signo e interpretante e, conseqüentemente, herdaram desses termos suas intrínsecas e complexas relações.

O que está em jogo, na perspectiva peirceana, é o modo como emissor, mensagem e receptor – na ausência de uma terminologia mais adequada – cambiam seus papéis no processo semiótico, no qual prevalece a função mediadora sobre as demais. Nas palavras de Peirce: *“Todas as minhas idéias são muito limitadas. Ao invés de “signos”, eu não deveria dizer meio?” (Peirce, citado por Nöth, 1996, pag. 54)*

Na perspectiva da hipermídia, o signo, ou meio, poderia ser entendido como fluxos semióticos complexos que articulam relações simultâneas consigo mesmo, com o lugar



lógico da referência (objeto/emissor), com o lugar lógico da significação (signo/signo) e com o lugar lógico da interpretação (interpretante/receptor).

Mas como a referência é também espaço sígnico parcialmente construído e parcialmente revelado pelos fluxos semióticos, o emissor, então, também é signo, parcialmente diagramado pelos fluxos semióticos intermediários. E como o interpretante é um outro signo, mais complexo e desenvolvido, que representa o objeto através do signo mediador, então a recepção também é fluxo semiótico, ocupando no processo semiótico eventualmente os lugares lógicos da emissão e da significação.

“Com um tal ceticismo contra a suposição ingênua de uma realidade por trás das mídias, a semiótica dá sua resposta à pergunta sobre a realidade por trás das mídias na era das hipermídias. Se as mídias não podem mais se referir a uma realidade por trás dos signos, mas sempre somente a outros signos, as mensagens das mídias não tratam absolutamente de um mundo de relações referenciais. Ao invés de referência, confrontamo-nos, ao final, com auto-referência (cf. Marcus 1997). O slogan ainda vago de Marshal McLuhan nos anos 60 das mídias, que são sua própria mensagem, encontra nesta consideração sua motivação mais profunda.” (Nöth, 1996, pag. 57)

Nessa perspectiva, emissor, mensagem e receptor são entendidos como fluxos semióticos apenas logicamente distintos. Trata-se, portanto, de abolir dicotomias tradicionais, como emissão/recepção, sujeito/objeto e objetividade/subjetividade, para dar lugar a uma abordagem mais complexa e maleável da questão.

“In fact, the very idea that the observer-observed barrier has been broken down is yet another illusion, for, Schrödinger (1967:137) continues, “Subject and object are only one. The barrier between them cannot be said to have broken down as a result of recent experience in the physical sciences, for this barrier did not exist.” The barrier was, in other words, from the very beginning a figment of the imagination – or as Peirce would have put it, the result of an inference: the dichotomy is itself a sign. Mind and sign are now properly seen to be one, as are mind and matter.” (Merrell, 1991, pag. 148)

O canal, na abordagem peirceana da hipermídia, cada vez mais se revela um componente semiótico autônomo, capaz de assumir eventualmente níveis rudimentares de emissão, recepção e mensagem. *“Embora os computadores sejam uma espécie de máquina, eles respondem de uma maneira que é mais que mecânica. São uma espécie de “outro”, se não são totalmente um “eu”. (Lyman, 1997, pag. 120)*

Observados pelo prisma da semiótica peirceana e da hipermídia, os modelos hegemônicos aqui abordados tornam-se inadequados especialmente por identificar de modo



estranque os lugares lógicos da emissão, mensagem e recepção, diferenciando sujeito (emissor e receptor) de objeto (mensagem).

Mesmo o modelo semiótico-textual de Eco-Fabri, que significou um avanço em relação aos demais, não resolve satisfatoriamente esses problemas. O modelo avança ao relativizar a noção de mensagem e sistematizar processos comunicativos complexos, típicos da comunicação de massa, em contraposição à comunicação interpessoal. Mas a internet demanda, ao contrário, um modelo que engendre modos comunicativos diversos. Além disso, a ênfase que o modelo semiótico-textual coloca nos processos de codificação/decodificação na comunicação de massa subtrai a relevância da mediação no processo. Isso também parece muito problemático no âmbito da internet.

Para Barbero (2001) a mediação, que se sofisticava pela comunicação de massa mas não surge com ela, deve se sobrepor metodologicamente às análises das lógicas de produção e recepção das mensagens.

“(...) em vez de fazer a pesquisa a partir da análise das lógicas de produção e recepção, para depois procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das mediações, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade social (...)”. (Barbero, 2001, pag. 304)

Também parece problemática a ênfase que o modelo semiótico-textual coloca no paradigma textual, o que dificulta abordagens mais sofisticadas da linguagem híbrida. O paradigma textual não especifica modos sógnicos característicos de linguagens visuais e sonoras, o que se traduz em metodologia de exploração de signos híbridos pautada por derivações conceituais do verbo.

“This fundamental intersmiotic reality of semiotic process is often neglected by the tradition of formal semiotics, derived from Ferdinand de Saussure’s linguistics, because its basic assumption is that the verbal sign system, due its specific but generalizable structural qualities, is the system of system. Contrasting semiotic traditions, like the one rooted in Charles Sanders Peirce, focus in stead on the general properties of semiotics processes as such, emphasizing their basic representational character. This may lead to a more fruitful approach to the complexity of the object and its semiotic representations, but with a possible disregard of the specific features of the individual sign systems (verbal, visual etc) in which the intersmiotic process materializes.” (Larsen, in Parret, 1996, pag 256)

Santaella (2001) propõe uma complexa relação de domínios lógicos para se pensar, a partir das três categorias peirceanas, diversos níveis intersemióticos de linguagens. Tais



relações aportam-se, segundo a autora, nas matrizes de linguagem sonora (primeiridade, domínio icônico-remático), visual (secundidade, domínio indicial, dicente) e verbal (terceiridade, domínio simbólico, argumental).

“As três matrizes se referem a modalidades de linguagem e de pensamento. O pensamento verbal pode se realizar em sintaxes que o aproximam do pensamento sonoro e em formas que o aproximam do pensamento visual. Este, por sua vez, pode se resolver em quase-formas que o colocam nas proximidades do pensamento sonoro ou em convenções tomadas de empréstimo ao pensamento verbal. Da mesma maneira, o pensamento sonoro pode se encarnar em formas plásticas tanto quanto pode absorver princípios que são mais próprios da discursividade. As três matrizes de linguagem e pensamento não são mutuamente excludentes. Ao contrário, comportam-se como vasos intercomunicantes, num intercâmbio permanente de recursos e em transmutações incessantes.” (Santaella, 2001, pag. 373)

A diversidade de experiências comunicativas na rede aponta para um modelo multifacetado de comunicação, que engendre modos distintos de comunicar ao mesmo tempo que demonstre como tais modos tendem a se expandir e transformar. Sugere-se que um modelo de comunicação hipermidiática articule logicamente situações mais convencionais, domínio da terceiridade (sites de veículos de comunicação, que permanecem fiéis a seus suportes de origem), conexões existenciais, domínio da secundidade (chats e listas de discussão, por exemplo) e experiências estéticas mais livres, domínio da primeiridade (weblogs, webzines e sites independentes de informação em geral).

Cada um desses modos engendra domínios específicos de interação verbo-som-imagem, o que se traduz em níveis intersemióticos diferenciados. Provavelmente esses domínios específicos encontram ressonância nas 10 classes de signos e o modo como tendem a se expandir em situações comunicativas originais deve retratar o mecanismo da semiose. Sistematizar essas relações e variáveis, delineando métodos singulares de abordagem da questão, é a tarefa de um possível modelo de comunicação hipermidiática.

Pseudo-conclusão: Em busca de um possível modelo de comunicação hipermidiática

Segundo Alsina (1989), um modelo científico parte de um corpo de conhecimentos prévios e se traduz, posteriormente, em um novo corpo de conhecimentos. Este trabalho funda-se na metodologia de construção de modelos científicos, proposta por Alsina.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“Se es una teoría, nos encontramos ante un modelo en sentido estricto. Si, por contra, se trata de un conjunto de datos, sería un modelo en sentido lato, sería un modelo simplemente descriptivo. (...) a partir de aquí surge algún problema que dará lugar a una hipótesis. Esta hipótesis se convierte en un modelo básico. (...) Se se confirma la hipótesis, el paso siguiente es proceder a relacionar sistemáticamente las leyes resultantes de la comprobación de las hipótesis y se forma o valida una teoría. Teoría que sería un cuerpo de conocimientos previos susceptibles de falsabilidad, y de nuevo se inicia el proceso.”
(Alsina, 1989, pag. 23)

O modelo aqui esboçado, conforme foi anteriormente exposto, aporta-se na suposição de que a teoria peirceana, sob alguns aspectos, é também uma teoria da comunicação. Problematizou-se a legitimidade de se utilizar modelos hegemônicos no âmbito da comunicação de massa para se pensar o ambiente híbrido da rede e levantou-se a seguinte hipótese: a teoria peirceana da comunicação presta-se melhor para ancorar processos comunicativos na internet por relacionar de modo complexo e semiótico gradações sógnicas derivadas das relações signo/signo, signo/objeto e signo/interpretante.

De acordo com Alsina (1989, pag. 25), *“hay una correlación unívoca entre las proposiciones de la teoría y las del modelo”*. Sugere-se, portanto, que um modelo peirceano de comunicação funde-se nas mesmas considerações que sustentam a idéia de uma teoria peirceana da comunicação.

O mecanismo desse modelo reflete o mecanismo da semióse e especifica-se no engendramento fenomenológico das relações signo/signo, signo/objeto, signo/interpretante. Assim, supõe-se que fluxos semióticos de informação hipermidiática erijam-se a partir de uma imbricada arquitetura sógnica e deve ser pelo dissecamento de tal arquitetura complexa que, provavelmente, melhor se compreenderá a comunicação na rede.

Nessa perspectiva, sugere-se que o lugar lógico da emissão (objeto) determina o fluxo semiótico (signo), ao mesmo tempo que é delineado por um fluxo semiótico posterior, mais complexo e desenvolvido (interpretante). Emissores e receptores, ambos também fluxos semióticos, cambiam frequentemente seus papéis pela interatividade homem-máquina-homem. À medida que tais fluxos são simultaneamente produzidos, interpretados, interceptados e processados, cresce a complexidade semiótica na rede.

Como as relações sógnicas dão lugar a tipos específicos de signos, observar-se-á que os fluxos semióticos compõem-se de enorme diversidade de manifestações sógnicas,



adequadas a cada situação transitória de comunicação na rede. Tais manifestações sígnicas referem-se simultaneamente ao tipo de comunicação em uso e aos tipos de linguagens imbricadas nesse processo (dominância verbal, visual, sonora e híbrida). Tem-se, portanto, um modelo fluido, multifacetado, maleável e constantemente em aberto.

“La posibilidad de hacer un modelo perfecto no sólo depende del conocimiento del fenómeno. Hay fenómenos que por su naturaleza no pueden ser representados de una manera completa, ya que no son susceptibles de ser examinados bajo un único criterio. Sería el caso de los modelos abiertos, que permiten su continua modificación incorporando los cambios que sufre lo representado (...) los modelos abiertos sólo permiten explicaciones probables.” (Alsina, 1989, pag. 21)

Ficamos por aqui. A composição diagramática de um possível modelo peirceano de comunicação hipermidiática, assim como o detalhamento de sua sistematização, é assunto para um trabalho posterior. Neste momento, interessa apenas lançar o problema, a hipótese e os passos iniciais para a construção de um possível modelo peirceano de comunicação hipermidiática.

Referências Bibliográficas

- ALSINA, Miquel R. *Los Modelos de la comunicación*. Tecnos, Madrid, 1989.
- BARBERO, Jesús M. *Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia*. Editora UFRJ, RJ, 2001.
- COLAPIETRO, Vincent M. *Peirce’s approach to the self – a semiotic perspective on Human subjectivity*. State University of New York Press, New York, 1989.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. *Introdução à teoria da informação estética*. Vozes, Petrópolis, 1973.
- DIZARD, Wilson. *A nova mídia – a comunicação de massa na era da informação*. Trad. Edmond Jorge. Jorge Zahar Editor, RJ, 1998.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. Cultrix, SP, 1973.
- JOHNSON, Steven. *Cultura da interface – como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Trad. Maria Luiza X. de A Borges. Jorge Zahar Editor, RJ, 2001.
- LARSEN, Svend E. *Representation and Intersemiosis*. In PARRET, Herman (editor). *Peirce and value theory – on peircean ethics and aesthetics*. John Benjamins Publishing



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- Company, Amsterdam/Philadelphia, 1996.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Editora 34, Lisboa, 1999.
- LYMAN, Peter. *O projeto das comunidades virtuais*. in *Revista USP*, SP, n. 35, set/nov, 1997.
- MACHADO, Arlindo. *Hipermídia: o labirinto como metáfora*. In Domingues, Diana (org) *A arte no século XXI – a humanização das tecnologias*. Unesp, SP, 1997.
- MCQUAIL, Denis. *Mass Communication Theory*. Sage Publications, London, 1997.
- MAES, Pattie. *Agents that reduce work and information overload*. In BRADSHAW, Jeffrey M. (org) *Software Agents*. The MIT Press, London, 1999.
- MATTELARD, Armand. *História das teorias da comunicação*. Trad. Luís Paulo Rouanet. Edições Loyola, SP, 1999.
- _____. *Os novos paradigmas da comunicação*. Transcrição: José Carlos Rocha. Líbero, Revista Acadêmica de Pós-Graduação da Fac. Com. Soc. Cásper Líbero, ano III, vol. 3, n. 6, 2001.
- MENEZES, Philadelfo. *Teorias da comunicação na globalização da cultura*. In Dowbor, Ladislau at all (org). *Desafios da comunicação*. Vozes, Petrópolis, 2001.
- MERREL, Floyd. *Signs becoming signs*. In SEBEOCK, Thomas A (editor). *Advance in Semiotics*. Indiana University Press, Bloomington & Indianapolis, 1991.
- _____. *Semiosis in the postmodern age*. Purdue University Press, Indianapolis, 1995.
- MIÈGE, Bernard. *O pensamento comunicacional*. Vozes, RJ, 2000.
- MOLES, Abraham. *Teoria da informação e percepção estética*. Trad. Helena Parente Cunha. Universidade d Brasília, Brasília, 1978.
- NÖTH, Winfried. *Semiótica e o estudo das mídias*. Face – Revista de Semiótica e Comunicação. Vol. 5, n. 1, jul/96.
- OUTING, Steven. *O jornalismo do futuro exigirá velocidade e coração forte*. Ponto Futuro (edição especial de “Meio & Mensagem”), maio, 1998.
- PARENTE, André. *O virtual e o hipertextual*. Pazulin, RJ, 1999.
- QUERE, Louis. *D’un modele epistemologique de la communication a un modele*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- Praxeologique*. Trad. Vera Lúcia Westin e Lúcia Lamounier. Paris, Réseaux n. 46-47, CNTE, 1991.
- REINGOLD, Howard. *A comunidade virtual*. Trad. Helder Aranha. Gradiva, Lisboa, 1996.
- SANTAELLA, Lúcia. *Why Peirce's semiotics is also a theory of communication*". In _____ . *Matrizes da linguagem e pensamento – sonora, visual, verbal, aplicações na hipermídia*. Iluminuras, SP, 2001.
- MACHADO, Fátima R. (org) Caderno da 2ª Jornada CEPE, 4/10/2000.
- SEBEOK, Thomas A *A sign is just a sign*. Indiana University Press, Bloomington and Indianopolis, 1991.
- STEIFK, Mark. *The internet edge – social, legal, and technological challenges for a Networked world*. The MIT Press, London, 2000.
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Editorial Augusto Gil, Lisboa, 1987.